

ENTREVISTA/BENJAMIN MOSER

CONTINUAÇÃO DA CAPA

Coração selvagem da vida

Biógrafo de Clarice Lispector fala da importância da herança judaica na compreensão da obra da escritora brasileira. Pesquisa do autor revela a significação de elementos da infância em seu trabalho de maturidade

Quando Benjamin Moser resolveu aprender português (ele já dominava seis idiomas) não sabia que estava prestes a sofrer por amor. Ao estudar um livro de Clarice Lispector ele se deparou com uma obra ainda desconhecida e que, em sua paixão à primeira vista, se colocava entre a melhor prosa do século 20. Do afeto ao trabalho, sentiu que cabia a alguém a tarefa de divulgar a romancista junto ao público de língua inglesa. Depois de esperar por algum tempo, pôs mãos à obra e começou a pesquisa que gerou *Clarice*, a mais completa biografia da romancista e contista. Em entrevista ao *Pensar*, ele fala da importância da cultura judaica na formação e visão de mundo de Clarice, do clima intelectual de sua época e das equivocadas cobranças de engajamento político de uma obra marcada a fundo pela solidariedade humana. Com muitas revelações, equilíbrio entre a história de vida e análise de todos os livros da escritora, *Clarice* é um convite ao conhecimento que põe em cena os temas mais importantes da nacionalidade. Quanto mais o biógrafo destaca a universalidade, mais o leitor sente que o coração da escritora não poderia ter sido formado em outra realidade, com suas luzes e sombras. "O mistério permanece", completa o biógrafo.

Clarice Lispector conquistou certa unanimidade na crítica e é lida com paixão por muitos brasileiros. No entanto, sua literatura ganhou uma aura de sofisticação, que gerou uma situação particular: uma escritora muito conhecida e pouco lida. Que imagem o leitor estrangeiro tem de Clarice Lispector?

Talvez eu não seja a melhor pessoa para dizer por que ela não é tão lida, pois não é a minha experiência: quase todos os brasileiros que conheço têm paixão por ela. Mas não foi sempre o caso: quando voltou ao Brasil, em 1959, ninguém no país queria editá-la. Essas coisas levam seu tempo, sobretudo com escritores, como ela, que exigem uma compreensão paciente. O mesmo no estrangeiro: antes da publicação do meu livro ela era pouquíssimo conhecida do público fora da academia. Lá também vai levar tempo para ela se afirmar no panteão da literatura mundial, mas está ocorrendo e, como no Brasil, quando isso começar não vai parar mais. Porque uma obra desse calibre não pode se manter em segredo para sempre.

Como você se aproximou da obra de Clarice e o que o levou a dedicar tanto empenho na composição de sua biografia?

Conheci a obra dela na faculdade e foi amor à primeira vista. Depois, fiquei pensando que "alguém", sem saber bem quem, deveria trabalhar para divulgá-la fora do Brasil. Os anos se passaram e finalmente me disse: por que não o faço eu mesmo? Mas não se sabe, quando você começa um trabalho desses, se vai continuar gostando. Porque muitas vezes o amor à primeira vista acaba muito mal – a aproximação descobre coisas ruins, invisíveis no início. Minha sorte foi que quanto mais me aproximei da Clarice, mais a amei e mais a admirei.

O destaque dado ao judaísmo de Clarice Lispector é um dos pontos que chama a atenção em seu trabalho. Como se deu essa intuição da presença da origem da escritora em sua obra e visão de mundo? Acredita que tenha passado despercebido dos brasileiros em função da marca católica da formação nacional?

É possível, mas também acho que tem uma característica muito judaica na obra dela, que é justamente o fato de ter falado em alegorias, de ela não falar explicitamente do judaísmo. É o caso de Proust, é o caso de Kafka, escritores cujas obras são ainda mais judaicas porque *não* falam do judaísmo. A perseguição e o exílio marcaram os judeus, como marcaram a família de Clarice. As pessoas tiveram que se esconder. Não podiam chamar a atenção ao conteúdo judaico porque este muitas vezes foi perigoso. E os artistas judeus muitas vezes se escondem atrás de símbolos, em labirintos cujo conteúdo pode passar despercebido por quem não está vendo o que está dizendo atrás do que aparentemente está dizendo.

Você faz muitas referências ao livro de Elisa Lispector sobre a história da família. Ainda há muito a ser conhecido sobre os primeiros anos da menina ou mesmo da vida de seus pais antes de seu nascimento? Que avaliação faz da qualidade literária da obra da irmã de Clarice?

É uma pergunta interessante, porque a Elisa é uma figura muito importante e dei destaque no livro aos escritos dela. Tive certa pena por Elisa porque é lógico que a qualidade literária da obra dela não era do mesmo nível. Mas é uma comparação irrelevante e injusta. A irmã foi a escritora, diria "o escritor", mais importante do Brasil no século 20. Então, quase todo mundo é "pior" do que Clarice. Se em vez de Lispector se chamasse Elisa Pereira ou da Silva a comparação não seria feita e se entenderia que é uma obra também interessante. Gostaria muito que alguém escrevesse mais sobre a Elisa e quando falo em universidades sempre tento inspirar algum aluno a fazê-lo. Quem sabe alguém o faça. Há muito para ser descoberto.

Mesmo tendo participado de passeatas de artistas e intelectuais, Clarice sempre foi tida como "alienada". Como você avalia a relação da escritora com a política de seu tempo?

Com o que ocorreu com a família dela na Ucrânia – a perseguição racial, o estupro e a morte penosíssima de sua mãe, o exílio e a pobreza de seu pai –, a Clarice teve enraizado um ceticismo quanto à política e ao poder. À maneira dela foi muito "engajada" – é impossível conhecer sua obra sem sentir sua identificação total com o pobre, o exilado, tudo o que, como ela, não se encaixou na sociedade. Há de lembrar também que o panorama político foi muito polarizado na época dela. Não era questão de gostar de Lula ou gostar de Fernando Henrique. Era questão de se engajar do lado dos comunistas ou do lado da direita, que queria dizer integralismo, fascismo e, depois, da ditadura militar. Dizem que Clarice foi "alienada," é certo, mas tem muitos artistas que conservaram sua reputação apesar de vínculos políticos totalmente



TESSA POSTHUMA DE BOER/DIVULGAÇÃO

“

Muitas vezes o amor à primeira vista acaba muito mal – a aproximação descobre coisas ruins, invisíveis no início. Minha sorte foi que quanto mais me aproximei da Clarice, mais a amei e mais a admirei

“

Acho que tem uma característica muito judaica na obra dela, que é justamente o fato de ter falado em alegorias, de ela não falar explicitamente do judaísmo. É o caso de Proust, é o caso de Kafka

vergonhosos, como é o caso de Oscar Niemeyer, que ainda hoje fala bem de Stalin, ou de Gabriel García Márquez, muito amigo do Grande Inquisidor de Cuba. Clarice jamais teria feito uma coisa assim.

Que papel tiveram os amigos na jornada pessoal e na obra da escritora, já que ela se correspondia com outros colegas de profissão sobre questões pessoais e literárias?

Vários amigos intelectuais ajudaram Clarice durante sua vida. Coincidentemente, quase todos de Minas Gerais: Lúcio Cardoso, o primeiro amor dela (não deu certo porque ele era homossexual), que a inspirou ainda adolescente; Fernando Sabino, com quem correspondeu durante todos os anos em que viveu no exterior e que agiu como seu "agente literário", na época em que ela não encontrava editor, e foi um apoio fundamental.

Clarice foi uma mulher cheia de amor e que parece não ter realizado essa vocação plenamente. Seu casamento terminou em crise, teve relações difíceis com Lúcio Cardoso e Paulo Mendes Campos, viveu sozinha muitos anos. O que trazia escondido em seu coração selvagem?

É interessante, voltando à Elisa, que diz que sobreviventes nunca sobrevivem por inteiro. Elisa teve uns casos, mas nunca se casou, e o tema da obra dela é a solidão. É certo que foi muito difícil para a Clarice se vincular amorosamente e, embora tivesse mais sorte do que a Elisa, nunca foi fácil. É um tema que se encontra muito em relatos de sobreviventes de outros desastres, como o Holocausto ou o Khmer Vermelho, e foi também um tema na vida das irmãs Lispector, sobreviventes de outro episódio parecido.

Clarice foi considerada por algum tempo uma escritora para mulheres. Classificada como feminista, gostava de ser considerada uma pessoa comum, que escrevia colunas para jornais e revistas. Como a questão feminina se manifestou em sua vida e obra?

“

Clarice teve enraizado um ceticismo quanto à política e ao poder. À maneira dela foi muito "engajada" – é impossível conhecer sua obra sem sentir sua identificação total com o pobre, o exilado

Ela era uma pessoa comum sob muitos aspectos e, se não fosse o gênio artístico e seu terrível passado, teria sido de fato uma dona de casa da classe média. O jornalismo, ela tinha que fazer por dinheiro, pois seus livros nunca lhe valiam nada em termos de dinheiro, mas é interessante porque lá se vê que ela não era de todo alheia aos temas da mulher normal: criar os filhos, preparar refeições, vestidos, maquiagem. Acho que a obra dela fica ainda mais radical quando se entende que no seu dia a dia era uma mulher relativamente simples.

A crítica compreendeu a obra da escritora?

A crítica brasileira tem sido fundamental para popularizar Clarice no Brasil. Desde cedo os críticos (e, talvez mais importante, as críticas) lutaram por torná-la mais conhecida. Mas havia certas coisas que, no meu ver, faltavam. Uma era a importância da temática judaica na obra dela, e outra era o drama de suas origens, um drama que deixou marcas tão profundas na sua vida, e que eu revelei pela primeira vez na biografia.

Clarice, em sua multiplicidade, foi vista ainda como bruxa e até pornógrafa. Como ela lidava com esses limites e suas possíveis implicações e mal-entendidos?

Sobre uma crítica desagradável, que apareceu num jornal do Rio, ela diz: se eu encontrasse o autor, diria: "olha, quando você escrever sobre mim, é Clarice com c, não com dois esses, viu?".

Clarice se dividia em muitas personas. Suas personagens femininas são também emanações de seus dilemas. Sua obra pode ser considerada uma grande autobiografia espiritual, que trata de temas como sentido da vida, sexualidade, mistério, misticismo, amor e política. Os mistérios de Clarice, na vida e na obra, são decifráveis?

É uma pergunta difícil, porque acho que o mistério de criação, o mistério do gênio artístico, de onde vem e para onde vai, permanecem sempre obscuros. Do outro lado, o interessante de uma biografia é que se pode entender muito mais as coisas que, num primeiro relance, parecem indecifráveis: no caso de Clarice, o horror das origens da família, a luta por se estabelecer no Brasil, os anos de esposa de diplomata... Uma boa biografia pode trazer muita luz a uma obra que tem sido considerada penumbrosa e difícil. Mas o mistério de sua beleza permanece.

Dos livros de Clarice Lispector, qual deles ainda tem sua posteridade a ser cumprida? Clarice tem muito a dizer ao século 21?

Estou muito interessado em dois romances de Clarice, os mais difíceis, *A cidade sitiada* e *O lustre*. Ainda há muito a dizer sobre eles – e se dirá, como mostram o interesse em adaptações para o cinema e teatro, as obras críticas, a aclamação internacional, as traduções. Se não fosse relevante, se não nos tocasse nosso íntimo, cairia, como tantas outras coisas, no esquecimento. Espero que minha biografia faça entender a ainda mais gente a importância vital de Clarice Lispector.